

Veja

1/6/1994

ESPECIAL

Olhai as foices dos pobres da terra

Com chefes cristão-comunistas e chefiados de pés no chão, os sem-terra são anacrônicos e atualíssimos

No final do ano passado, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, o MST, resolveu distribuir um brinde. Uma agenda de bolso, igual a tantas outras, não ser pelas datas festivas. Na maioria dos calendários, o 1º de janeiro é um feriado pela Fraternidade Universal. Na agenda do MST, trata-se do dia da Revolução Popular em Cuba. Em 22 de abril, marca-se a "invasão do Brasil pelos portugueses". Em 5 de maio, assinala-se o nascimento de Karl Marx. Em 28 de julho, o assassinato do cangaceiro Lampião. Em 17 de setembro, a morte do capitão terrorista Carlos Lamarca. No dia 17 de outubro, a Revolução Russa. Em 4 de novembro, a morte de Carlos Marighella, fundador da ALN, a maior organização terrorista do país.

Com esse calendário de relíquia, o Movimento dos Sem-Terra é um fenômeno atualíssimo, muito temido e pouco estudado. Tem uma cúpula cristão-comunista. Uma parcela fez cursos políticos em Cuba, outros são catequizados numa escola de formação política em Caçador, no interior de Santa Catarina. Sua base é intensa e pobre. Os sem-terra infernizam fazendeiros, prefeitos e governadores de Estado. Estiveram no Planalto para debater reivindicações com Itamar Franco e há pouco, quando tentaram levantar um dinheiro no cofre do ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, serviram de pretexto para o passeio de tanques e vôos de helicópteros em Brasília. É um movimento camponês como nunca houve no país. Não possui líderes conhecidos, como Francisco Julião das Ligas do pré-64. Vive longe dos sindicatos rurais e, nascido em comunidades da Igreja, afastou-se dela para invadir (eles preferem dizer "ocupar") fazendas.

"SOMOS RADICAIS" — A unanimidade de seus dirigentes comunga no altar do PT de Luís Inácio Lula da Silva, mas tem interesses próprios e bem definidos. Sua conversa começa e termina num assunto único: terra. E, enquanto Lula repetir a promessa de dar terra, o MST fará o possível para retribuir com votos. Cozinhando em fogões rústicos e dormindo em barracas de lona plástica preta, são 16 700 famílias acampadas em 91 pontos do território nacional, à espreita de uma fazenda. Já estabelecidas em assentamentos que receberam 50 milhões de dólares em créditos oficiais apenas este ano, são 131 000 famílias.

A vida nos acampamentos é uma dureza, mas a recompensa de um lote está valendo a pena. Em 1991, pesquisadores da FAO e do Ministério da Agricultura realizaram um estudo pioneiro sobre os assentamentos iniciados pelos sem-terra. A amostra da pesquisa não é considerada perfeita. Técnicos em agricultura consideram que se deu um peso demasiado a assentamentos excepcionalmente bem-sucedidos no sul do país, origem e pilar do movimento, em detrimento de regiões menos prósperas, no Norte e Nordeste. Ainda assim, chegou-se a um quadro mais positivo do que negativo. Segundo a pesquisa, a média das famílias assentadas dispõe de uma renda mensal de 3,7 salários mínimos, o que já lhes permite residir numa faixa de renda superior a 53% dos brasileiros. A cada ano os assentados produzem 240 000 toneladas de milho, 310 000 toneladas de mandioca e 80 000 toneladas de feijão. Não é nenhum recorde de produtividade. Mas o feijão com-terra é suficiente, por exemplo, para abastecer 1,5 milhão de famílias durante um ano. Mesmo de forma imprecisa, esses dados refletem, em alguma medida, as novidades do Brasil rural dos mais pobres.

A existência jurídica do MST é um mistério. A sede funciona num conjunto de salas emprestadas pela Igreja num edifício no bairro de Perdizes, em São Paulo. OMST publica um jornal mensal com tiragem de 30 000 exemplares, mas não tem registro jurídico, conta em banco nem propriedades em seu nome. Recebe contribuições do Brasil e do exterior. Todos os anos, cada família assentada destina 1% de sua renda aos cofres do MST. Mas esse dinheiro circula pelas contas particulares de quinze dirigentes da organização, escolhidos a cada dois anos em encontros que reúnem 150 delegados eleitos. Um desses líderes é gaúcho João Pedro Stedilli, 40 anos. Filho de agricultor, Stedilli foi seminarista, trabalhou como padeiro em Porto Alegre, formou-se em economia. Stedilli fala:

— Dizem que somos extremistas. Somos radicais. Você só precisa ler os documentos oficiais para entender o problema. O próprio governo informa que os cinquenta maiores proprietários de terra do Brasil têm uma área quase do tamanho do Estado de São Paulo. O governo levantou quantas pessoas eles empregam nessa área. Menos de 70 000. Em quinze anos, por nossa pressão, o governo desapropriou uma área quatro vezes menor do que essa. Só que são 600 000 pessoas, vivendo de seu trabalho.

Stedilli dá a entrevista na sede central, em São Paulo. À sua frente, uma cuia de chimarrão. Atrás, uma entre as dezenas, centenas de fotos dos agricultores com a foice na mão. Stedilli explica:

— Quem está em nosso movimento são os brasileiros pobres. Aqui tem adulto, tem mulher, tem criança, tem guri. Tem católico, evangélico e num acampamento descobrimos até vereadores querendo terra. Nós, do Sem-Terra, não nos organizamos em sindicato. Porque, num país como o Brasil, sindicato é lugar de homem, e adulto. Em dez anos, 1 200 trabalhadores rurais foram assassinados. Eles vivem em sindicatos, quando se tornam líderes os fazendeiros mandam matar. Mostramos as foices para sermos respeitados. E somos. Em dez anos, cinco sem-terra foram mortos.

(Cinco PMs também morreram. Uma das vítimas, de Porto Alegre, foi morta com uma estocada na altura do pescoço.)

"AGORA OU NUNCA" — Os sem-terra são pobres, mas nenhum pede esmola de dia e vai para debaixo da ponte à noite. Um exemplo apenas para dar uma idéia. VEJA entrevistou vinte sem-terra de um total de 2 000 famílias que invadiram a Fazenda Jangada, no município paulista de Getulina, em outubro do ano passado, acabaram expulsas quatro meses mais tarde e hoje estão acampadas na beira de uma estrada esperando uma chance de voltar. Não se encontrou nenhum que não tivesse um meio de subsistência. Havia duas auxiliares de enfermagem, um motorista de caminhão, um feirante e um servente de pedreiro, além de uma grande maioria de lavradores e bóias-frias. Gente com salário mínimo, ou menos, ou um pouco mais. Alguns tinham um carro velho, e mesmo casa própria. Para entender um sem-terra é preciso pensar naquele brasileiro de classe média que larga tudo para lavar prato nos Estados Unidos. Ele até poderia viver melhor no Brasil, mas considera-se sem perspectivas de progredir e faz o sacrifício. E assim, só que numa escala de padecimentos bem mais concretos, que pensa e age um sem-terra.

Em 1986, alguns amigos convidaram o pedreiro Aparecido da Silva, 32 anos, para participar de uma invasão organizada pelo MST numa área em Promissão, no interior paulista. Sua mulher ficou com medo, Aparecido desistiu. Os amigos foram assentados um ano depois. Ganharam 7,5 alqueires de terra, plantaram, venderam, progrediram. No ano passado, Aparecido perdeu o emprego, de carregador numa transportadora. Ficou sabendo que um líder do Sem-Terra andava por Campinas, sua cidade, em busca de interessados num lote. "Pensei: é agora ou nunca", lembra Aparecido.

Como os demais, em outubro do ano passado o pedreiro entrou na fazenda. Despejados pela PM, todos desmontaram suas barracas de lona preta para remontá-las à beira de uma estrada, onde se encontram até hoje. A vida, ali, é dura e precária. Duas crianças morreram, dois adultos também. Sobrevivem de doações. Um padre fornece 50 litros de leite por dia para as crianças. Depois de enviar a PM, o governador Luiz Antonio Fleury Filho mandou cestas básicas. O prefeito manda caminhões para levar as crianças até as escolas mais próximas. Para reforçar o orçamento, boa parte procura bicos nas fazendas vizinhas. Outras famílias se dividem. Um parente volta para a cidade para arrumar serviço enquanto os demais ficam no acampamento para garantir a vaga. Pelas regras do acampamento, a família que se ausenta por uma semana perde o lugar. Mesmo assim, desanimada, metade já debandou. Quem ficou não sabe se, mesmo que a desapropriação seja consumada, terá direito a seu lote. Na área não há lugar para mais de 400 famílias, o que significa que as demais irão sobrar. A escolha será feita por sorteio. Quem não for premiado será convocado a participar de outra invasão, possivelmente outra expulsão até a posse definitiva. Mesmo assim, instalado em seu barraco, o pedreiro Aparecido improvisou uma cobertura para seu Fusca 74. Almoça arroz e ovo todos os dias, mas está feliz. "No começo eu queria só um pedaço de terra", diz. "Me politizei. Na cidade eu era um zé-ninguém." Aparecido integra a equipe de negociação do acampamento. Já fez reunião com o governador Fleury, percorreu ministérios em Brasília, está lendo o livro Fidel e a Religião, de Frei Betto, sobre as relações do ditador cubano com a Igreja.

Há outros exemplos semelhantes. Altair Vieira, 25 anos, se diz socialista e só anda com uma camiseta com a foto de Che Guevara estampada. "Li livros dele que um padre me emprestou e virei socialista", diz. Apesar do esforço dos caciques, é mais fácil encontrar eleitores de Fernando Collor do que se poderia imaginar. Muitos, talvez a maioria, só querem seu lote. Ademir Trecco, 29 anos, solteiro, foi Collor em 1989, hoje é voto nulo. "Votei nele e nunca mais quero saber disso. A gente vota, vota e não acontece nada." Trecco não acredita nas promessas de Lula. "Ele não vai fazer reforma agrária. Prefiro anular meu voto." Trecco trabalha como bóia-fria para famílias de com-terra de Promissão que em 1987 acamparam por um lote. Colhe algodão e castra cavalos no assentamento e consegue ganhar 50 000 cruzeiros reais por mês. Quando não trabalha, caça tatu, pesca e joga futebol. Não gosta das reuniões políticas do acampamento. "Eu só quero a terra", diz.

"UM ANO DE VIDA DURA" — Uma invasão leva de três meses a um ano para ser organizada. No caso de Getulina, ela envolveu trabalhadores de 23 cidades e durou sete meses. Os sem-terra escolhem o alvo de ataque quase com a mesma naturalidade com que o morador de uma grande cidade procura apartamento para se estabelecer com a família. Os próprios agricultores da região, que conhecem bem as propriedades, alimentam os líderes com informações. O MST tem um escritório em Brasília que faz pesquisa em órgãos públicos para detalhar a situação jurídica da área. "O próprio governo nos fornece informações", diz Gilberto Oliveira, responsável pelo escritório. O passo seguinte é fazer um reconhecimento da área a ser invadida. Em Getulina, ao visitar a Fazenda Jangada, os líderes decidiram que o ideal seria invadir também uma pequena fazenda vizinha. Ali havia uma nascente de água, o que garantiria o abastecimento das famílias. A área exata a ser invadida é um segredo partilhado apenas pelos líderes máximos da invasão. É uma forma de impedir que a informação chegue aos ouvidos dos fazendeiros. É necessário então preparar os corações e mentes dos invasores, lembrar que fatalmente virão o enfrentamento com a polícia, o despejo e a necessidade de acampar na estrada, como forma de pressão, até que o Incra declare a fazenda improdutiva e o Tesouro libere recursos para indenizar o proprietário. "Precisamos prepará-los para pelo menos um ano de vida dura antes de conseguir a terra", explica o coordenador Gilmar Mauro.

Nessa fase os sem-terra fazem também estágios em antigas áreas invadidas que foram desapropriadas e hoje são assentamentos prósperos. "Levamos os sem-terra para passar um

domingo nesses lugares. Assim podem ver como as pessoas prosperaram e aprender com elas como uma ocupação deve ser feita", explica Mauro. Os próprios sem-terra costumam financiar sua parte. Cada família compra mantimentos para sobreviver um mês e lona preta para montar um barraco. Eles fazem uma caixinha e alugam ônibus e caminhão para o comboio de invasão. A Igreja e os sindicatos também cedem veículos. Os sem-terra são orientados a levar pouca coisa: um colchonete, um cobertor, algumas panelas, pratos, talheres, duas mudas de roupa, enxada, machado, picareta e facão. Algumas vezes os invasores das várias cidades se encontram num acampamento provisório que montam em terras de pequenos proprietários que os apóiam. Antes de invadir a Fazenda Santa Rita, no Rio Grande do Sul, de onde 450 famílias se retiraram na semana passada, os sem-terra ficaram concentrados por seis meses numa fazenda vizinha.

RIFLES VELHOS E A BÍBLIA — Nos acampamentos, impera um tipo de organização peculiar. Cada vinte famílias formam um núcleo de base e elegem um coordenador, encarregado de representá-las junto ao colegiado que dirige o acampamento. Esse grupo de coordenadores elabora o regimento interno e elege uma executiva para tocar o dia-a-dia. Quem é capaz de distinguir uma gripe de uma indigestão pode acabar na comissão de farmácia. Quem conhece algum instrumento é convocado para integrar a comissão de animação, que organiza festas. A equipe de educação cadastra as crianças e sai pelas redondezas à procura de escolas. Depois, procura os prefeitos para garantir o transporte. As regras de comportamento são rígidas. É proibido promover arruaças. A bebida é controlada. Não é permitido falar palavrões na frente de crianças nem desrespeitar o horário de silêncio: às 22 horas, todos devem recolher-se a seus barracos. É proibido difamar ou caluniar os vizinhos. As punições variam da repreensão pública à expulsão do acampamento.

A preocupação com a segurança é uma obsessão. As pessoas são revistadas antes de entrar nas fazendas ocupadas. Cada núcleo de família tem um coordenador que faz a escala de revezamento dos acampados que passarão madrugadas em claro cuidando dos barracos. Se percebem um movimento estranho, os seguranças de plantão berram. Os outros acordam e, foices em punho, saem dos barracos. Há armas nos acampamentos que pertencem aos próprios sem-terra, mas em geral são poucas. Na Fazenda Santa Rita havia dois rifles velhos, calibres 32 e 36. Ali, os sem-terra eram acordados às 6 horas da manhã por um alto-falante instalado no centro do ajuntamento. Ouviam uma leitura da Bíblia e recebiam orientações para cada dia. Após dez dias, eles se retiraram. Agora estão na estrada, com as mesmas barracas de lona.

Os números dos sem-terra

7,6 milhões de hectares foram desapropriados para os sem-terra nos últimos dez anos. A área equivale à soma dos Estados do Rio e de Alagoas

131 000 famílias já foram assentadas nos últimos quinze anos. Elas formam uma população igual à de Natal

16 700 famílias de sem-terra estão acampadas em áreas ainda não desapropriadas

(Páginas 70, 71, 72, 73, 74 e 75)